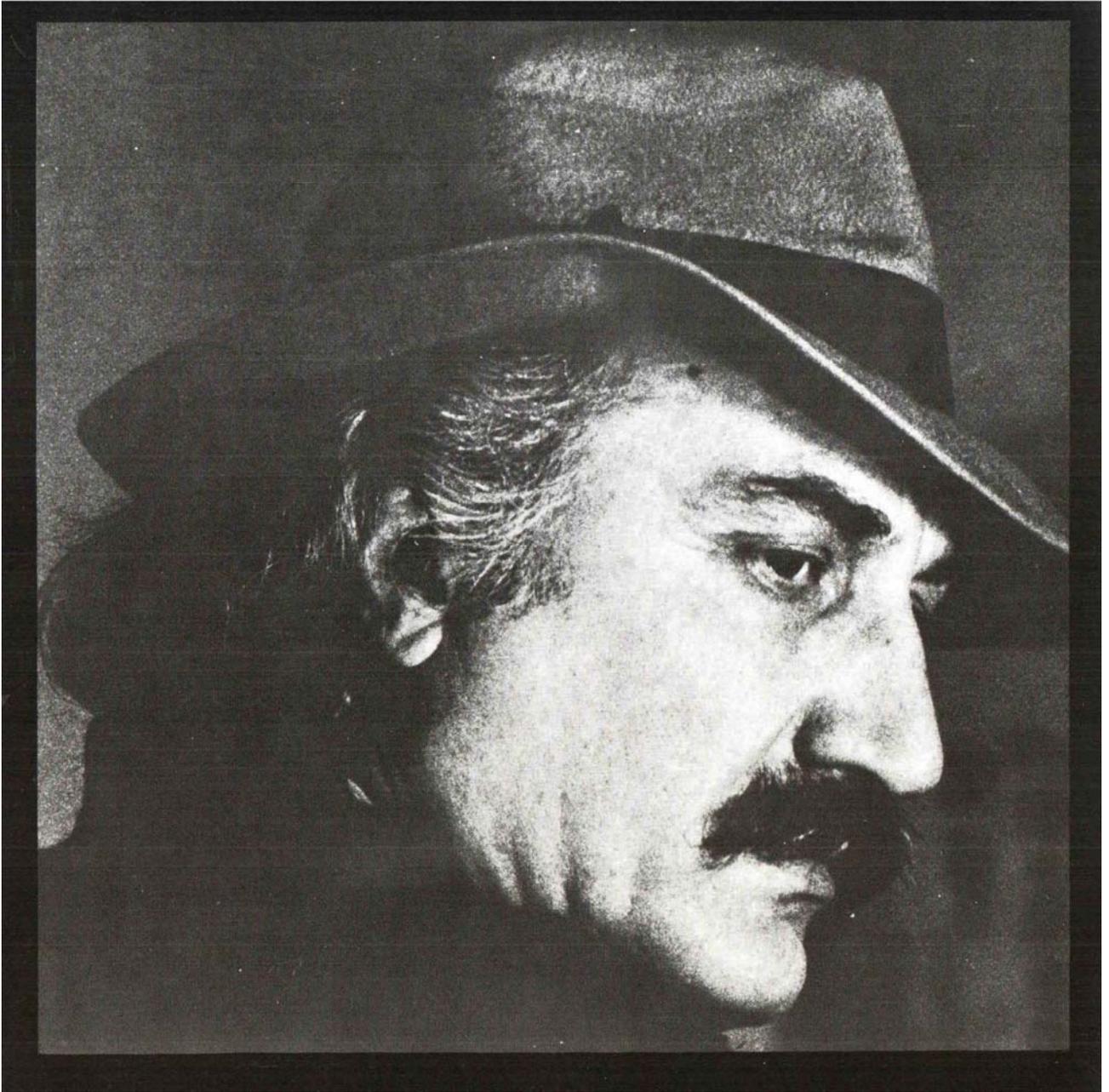
An abstract line drawing consisting of several thick, black, irregular outlines. The shapes are elongated and somewhat vertical, with some internal contours that create a sense of depth and movement. The overall composition is dynamic and gestural, typical of mid-20th-century abstract art.

**EDOARDO  
BELGRADO**  
desenhos e pinturas 73/78  
março 1979

museu de arte

contemporânea de campinas



Soube que Belgrado, com um grupo de jovens, deu vida, há cerca de vinte anos, no Brasil em Campinas, a um movimento definido como de vanguarda.

Encontrando-o, um dia em seu estúdio, dei conta que estava trabalhando silenciosamente há muitos anos em torno das suas máquinas por uma necessidade interior de meditação e pela ansia de aprofundar-se no aspecto formal e na temática para poder apresentar a obra da sua maturidade.

Vê-lo e discutirmos as suas motivações mais profundas, foi para mim uma experiência apaixonante. Trata-se, posso dizer, de uma obra excepcional, tanto pelo seu significado como pela côm. É, em síntese, fábulas que sugerem máquinas terríveis e borboletas humanizadas (saídas, parece-me, de um mundo arcano); estórias de vítimas e de opressores colocadas de uma maneira toda nova e pessoal.

Alguns críticos a definiram, de tempo em tempo, como assunto metafísico, surrealista ou dadaísta, mas não concordo (não de todo, ao menos) com esta leitura. É claro que Belgrado teve um pouco da influência do surrealismo brasileiro: não fosse assim não o teria atraído as lições de uma disponibilidade poética sem limites aparentes. Mas o seu não é um verdadeiro surrealismo, a sua descida aos abismos do inconsciente não é incondicional. Existe sempre o sentimento a controlar-lhe o fluxo, há sempre o instintivo lirismo do homem que ama, atento a cada tremular daquela atração que une uma criatura a outra e a ávida curiosidade por todos os aspectos do mundo, pelos objetos misteriosos da natureza.

Belgrado não pode ser definido como um metafísico, nem um dadaísta; a sua essencialidade é diferente da pura fantasia, as suas máquinas não são inúteis, como aquelas de Duchamp, são objetos autênticos, terrivelmente verdadeiros e terrenos, são os terracobras, os tratores usados no Mato Grosso para devastar florestas e as montanhas, a máquina alienante que o próprio Belgrado utilizou naquela terra virgem para abrir fazendas, antes de dedicar-se à caça de borboletas, exausto de tentar mudar a face do universo. Estas borboletas são transformadas em suas telas em instrumentos e símbolos essenciais que pro-

testam contra a mutabilidade do ambiente, sendo portanto, o resultado de uma escolha abstrata metafísica, mas também de uma crua realidade, paga com suor, solidão e desesperada nostalgia. A partir daí, a MÁQUINA pode ser o senso da destruição e da prepotência. Melhor, então, deixar de lado as definições, isolar o Belgrado-pintor no mundo que lhe pertence, aquele da fábula, que soa puríssimo a ele, não por seu conteúdo poético, mas apenas pela forma e fantasia que permanecem pairando sobre as coisas mais pesadas, que levam-no no meio da luz e da graça, ainda que com as mais trágicas temáticas.

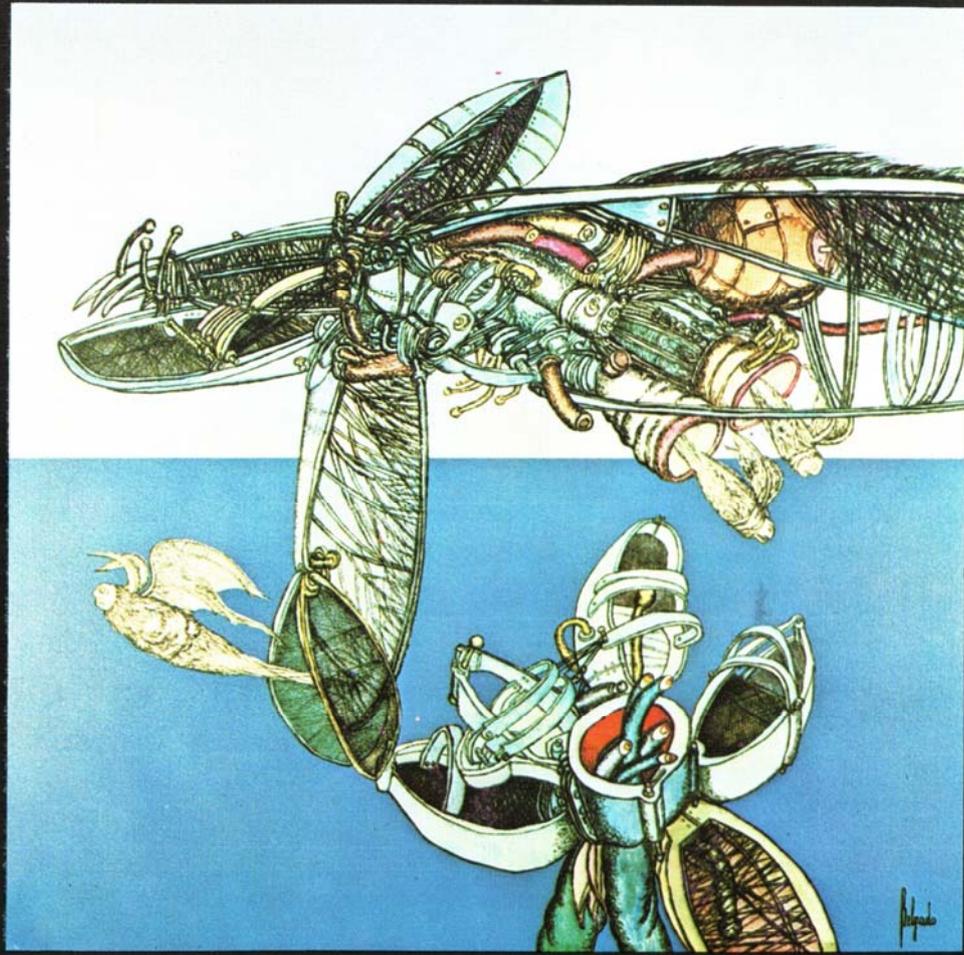
A máquina, parece sugerir Belgrado, enquanto produto do homem do nosso tempo, não só se tornou parte integrante, mas ela mesma se faz (provavelmente tornando-se sua própria vítima) humanizada: ora sabe vencer porque é forte, porque tem mil tentáculos, entremostrando suas flôres, que lembram que ela também tem de recorrer à astúcia, mil truques, mil armas de ataque, mas também de autodefesa.

Nesse ponto, ao redor da narração pitórica de Belgrado, sobre a qual podemos encaixar inúmeras interpretações, aquilo que permanece é a linguagem nova que ela carrega, para poder dispor de um elemento a mais que ajuda a compreender o mistério da vida do homem, do seu trabalho, das suas conquistas e da sua grande solidão.

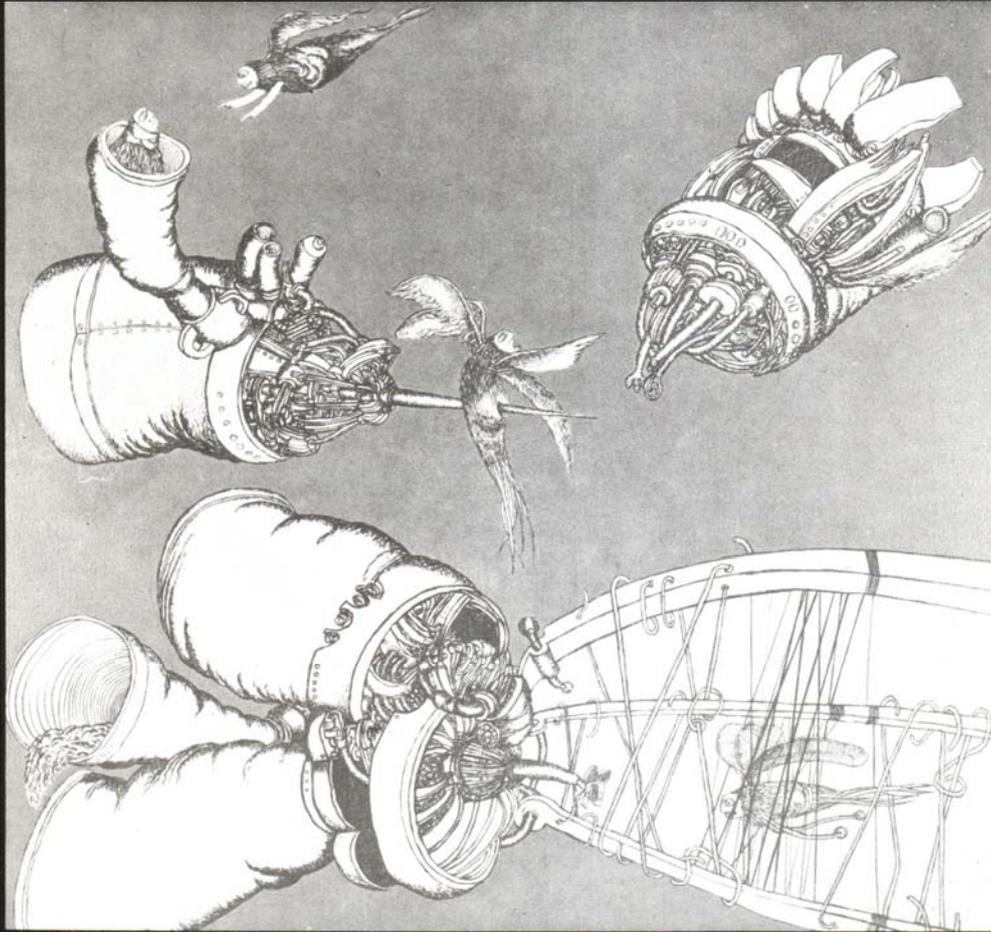
Os novos vocábulos estéticos, que vai inserindo no seu discurso, me levam a acreditar que será fértil o caminho que este artista está percorrendo e no qual o mais atento espectador saberá captar o essencial, para encontrar-se frente ao diálogo homem-máquina, que ora se repelem, ora se atraem, sem chegar a compreender se a máquina existe para pertencer ao homem, ou o homem é que pertence à máquina.

Deixando o estúdio de Belgrado, me vem à mente uma frase de Rimbaud: "Deixemos agora este sonhador rapaz... deixemo-lo rir, cantar, ter fome, sede, necessidade de amor... Porque ao mundo apraz os misericordiosos, mas Deus abençoa os poetas..."

AMEDEO GIACOMINI



Per amore di un fiore 070x070 acrilica



La vittima 090x080 acrílica

Edoardo Belgrado é um marco na história da arte em Campinas, pois sua passagem pela cidade, durante os anos 50, representou o foco embrionário da produção artística campineira, nos parâmetros da arte de vanguarda.

De fato, a história do movimento artístico campineiro, cujo repositório mais sólido é ainda e infelizmente, dado pelos arquivos de jornais, arquivos particulares e pela memória dos que viram e viveram as diferentes fases do processo, não tendo registros completos editados em livros, faz ver que foi a chegada de Edoardo Belgrado a Campinas o **primo movens** de um significativo cabedal de artistas, os quais, há duas décadas, vêm arrolando conquistas incontestáveis, em todos os sentidos da produção artística.

Ao despontar da quinta década do século, quando a arte via-se renovada pelos diversos movimentos e propostas registrados na Europa e refletidos no Brasil, sobretudo a partir da Semana de 22, Campinas passeava à margem destas transformações, contendo e cultivando o academicismo mais puro, desconhecendo ou tomando contato superficial e esporádico com as idéias renovadoras, que multiplicavam-se noutros quadrantes.

Aquela altura, a cidade sentia a falta de motivo e orientação suficientemente sólidos, que ensejassem transformações profundas. Era o rigor da arte acadêmica, e só ele, que nutria a produção artística efetuada e aceita em Campinas.

Aportando em Campinas, em 1953, Edoardo Belgrado sente a morosidade que marca o ambiente e se propõe um exercício de renovação, para o qual recebe, através de um processo de contato informal e progressivo, a adesão de jovens artistas interessados em novas informações.

São as revistas, os livros e os catálogos de movimentos vanguardistas, que Belgrado traz na bagagem, que são passados de mão em mão entre os jovens, de modo a abrir-lhes novos horizontes. Através desse material, os jovens artistas campineiros referenciam-se aos conceitos estéticos mais recentes, recebendo, ainda, influxos de toda a sorte, desde a produção que o próprio Belgrado passa a executar no seu atelier campineiro.

A esses primeiros contatos, sucedem-se as exposições, os encontros, os debates, que ultrapassam as paredes das galerias e vão ganhar as páginas dos jornais e abranger toda a cidade.

Os jovens artistas começam a produzir, eles mesmos, parametrados em novos conceitos, tocando e absorvendo as propostas libertárias da arte de vanguarda.

Quando deixa a cidade, ao final da década de 50, Edoardo Belgrado despede-se de um grupo já consolidado, mergulhado em extenuante processo de criação e incorporado pelos artistas que, a partir daqueles anos, formariam a linha de frente do universo artístico campineiro, hoje de inegável importância no somatório da arte brasileira.

Há, portanto, um significado histórico na estada de Edoardo Belgrado em Campinas, a qual se confunde com a linha divisória entre dois períodos diferenciados e pode ser conceituado como um marco renovador, se não revolucionário, gerador de novos e melhores tempos.

Ao retornar a Campinas, vinte anos após a sua histórica atuação, Edoardo Belgrado certamente irá reconhecer que o movimento por ele iniciado surtiu efeitos e rendeu dividendos.

Por ocasião desta mostra de Edoardo Belgrado no Museu de Arte Contemporânea de Campinas, aflora a possibilidade do reencontro entre o iniciador e os continuadores, emoldurando-a de especial importância e alegre festividade.

WAGNER J. GERIBELLO



Eis, porém, que **Habitat** descobre em Campinas, agora, um jovem arquiteto italiano que, paralelamente ao seu curso técnico, estudou em Veneza artes plásticas. Na Itália, tomou parte em exposições coletivas com trabalhos impressionistas, preocupado com problemas de luz e cromatismo. Porém, a profissão de arquiteto o inclinou a pesquisa, quanto ao desenho, de linhas harmônicas regendo a estrutura do assunto e simplificando-lhe a essência.

Os trabalhos gráficos que examinamos, da autoria de Edoardo Belgrado, certificam sua reação à idéia da máquina como elemento servil ou a serviço do homem. Belgrado a considera um personagem vivo que luta para subsistir. Artista nato, mas que já pôs longe desde muito tempo a intuição, o jovem arquiteto de Udine, que passou a juventude no meio interessantíssimo típico de Veneza arcaica, parece um engenheiro dos estaleiros de Spezzia, atacado do mal maníaco que, em artes plásticas, tem alvorçado surrealistas como Luigi Bartolini, Alfred Kubin, Van der Bergh, Marcelo Grassmann, Anton Lehmden e Hans Fischer. Mas estes tratam de um mundo zoomórfico fantástico, onde aves negras em rodopios medievais parecem produtos de pesadelos. Ao passo que Edoardo Belgrado partiu, em seu surrealismo metafísico-mecanicista, de uma coorte

plástica e gráfica, onde imperam ainda De Chirico, Ossip Zadkin, Delvaux, Magritte e o grego Nicos Eugonopoulos.

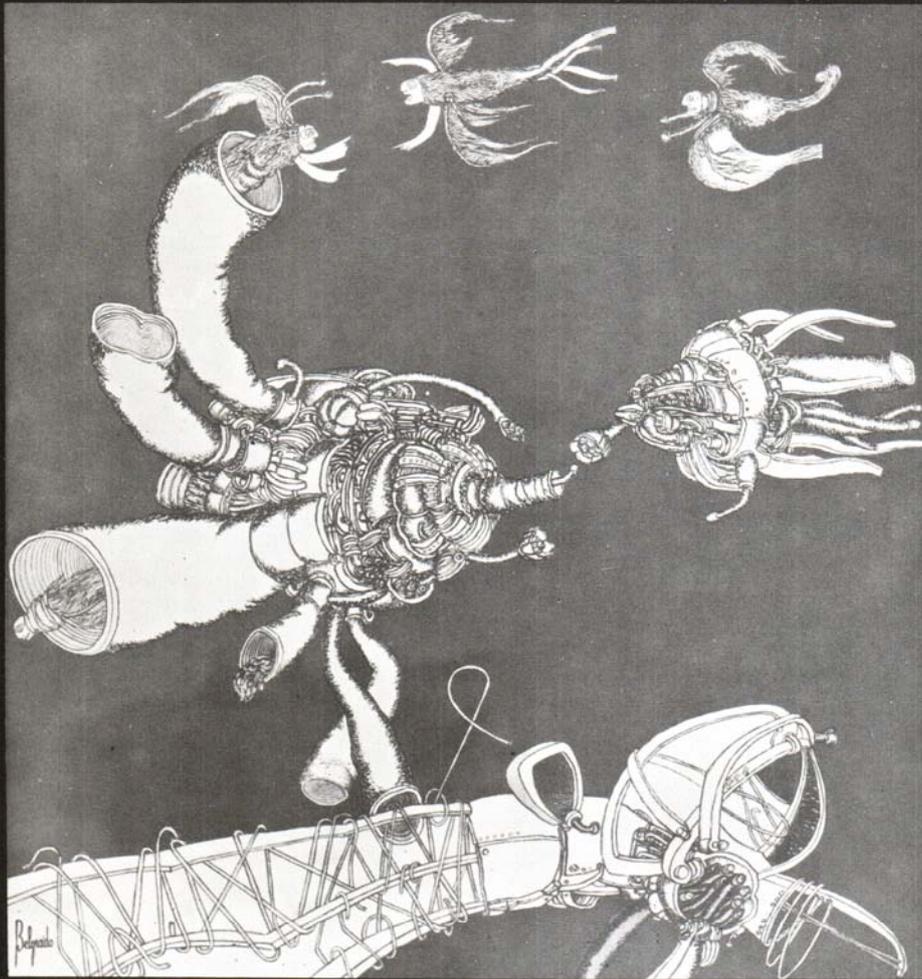
Mercê dessas afinidades ainda humanísticas, Edoardo conseguiu elaborar, para os seus temas da "máquina em luta", uma sintaxe própria articulando uma semântica também própria.

Assim é que seus desenhos são moderníssimos como pormenores de mecânica, e adquirem um ritmo de rotação, translação, ímpeto, ataque, defesa, agressividade, mimetismo e anamorfose que especificam a luta de máquinas. Os temas ora são medievais, como os de Coutaud, lembrando cavaleiros armados revestidos de couraças; ora são zoomórficos, onde um galo deixa de apresentar sua plumagem cromática gênero Lurçat para ser radiografado como uma decomposição de ossos, músculos, nervos, tendões, extensores, flexores, pronadores e supinadores, que lhe facultam uma agressividade quase apocalíptica. Sua composição, em tal sentido, não é referente ao domínio do concreto; do cimento armado, dos grandes cubos inertes, Trata-se de uma composição de ferro, algo descendente das trâbeçulas ágeis como insetos de Eiffel, e às vezes parece elaborações da Bela Época, da Exposição Internacional de 1900, exércitos de antigas divisões blindadas saindo de Petit Palais, junto à Ponte Alexandre III, para evitar a invasão dos Campos Elíseos.

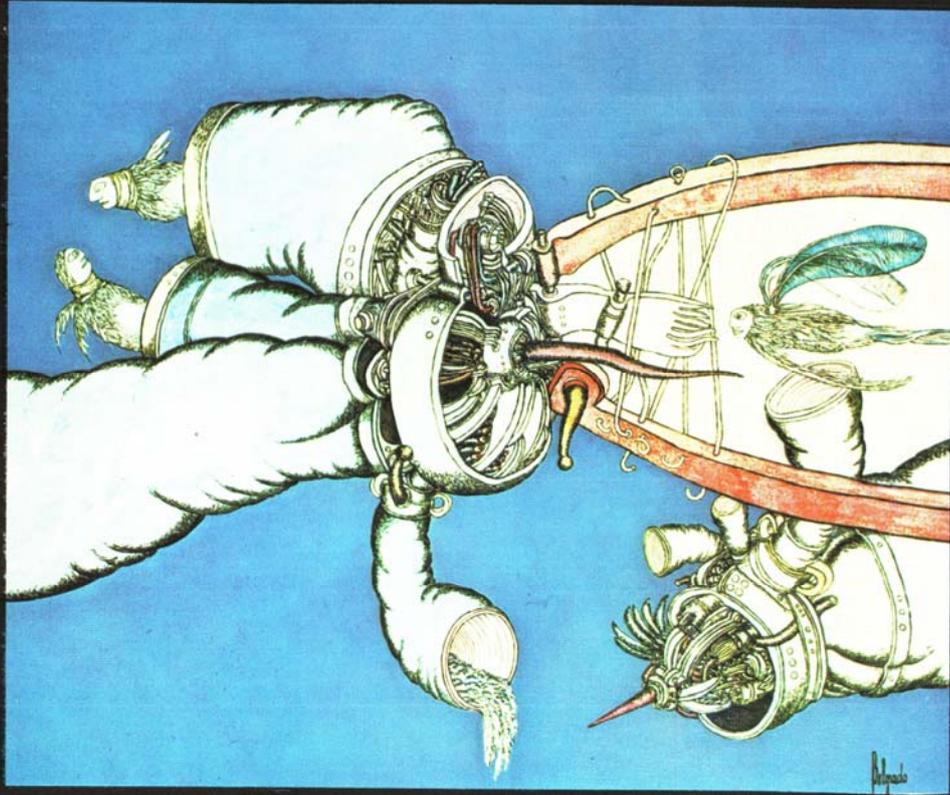
Leitores: descobrimos em Campinas um artista de índole metafísica e mecanicista, que impregna seus temários com lances surrealistas e até mesmo barrocos. Usa de uma dialética biológica e telúrica estranha, pois vemos monstros de ferro, ágeis como demônios longilíneos, atacarem enormes borboletas tênues, ou aves nas quais o instinto de defesa já criou mimetismos, peças de ferro ao invés de asas, bicos de aço ao invés de meros fâneros.

Sem dúvida, a tal respeito, Edoardo Belgrado inaugura um setor novo no fantástico. E o inaugura com uma sintaxe nova, de mecanicismo **sui generis**, que ao invés de ser metafísico, invade setores ainda intatos do onirismo.

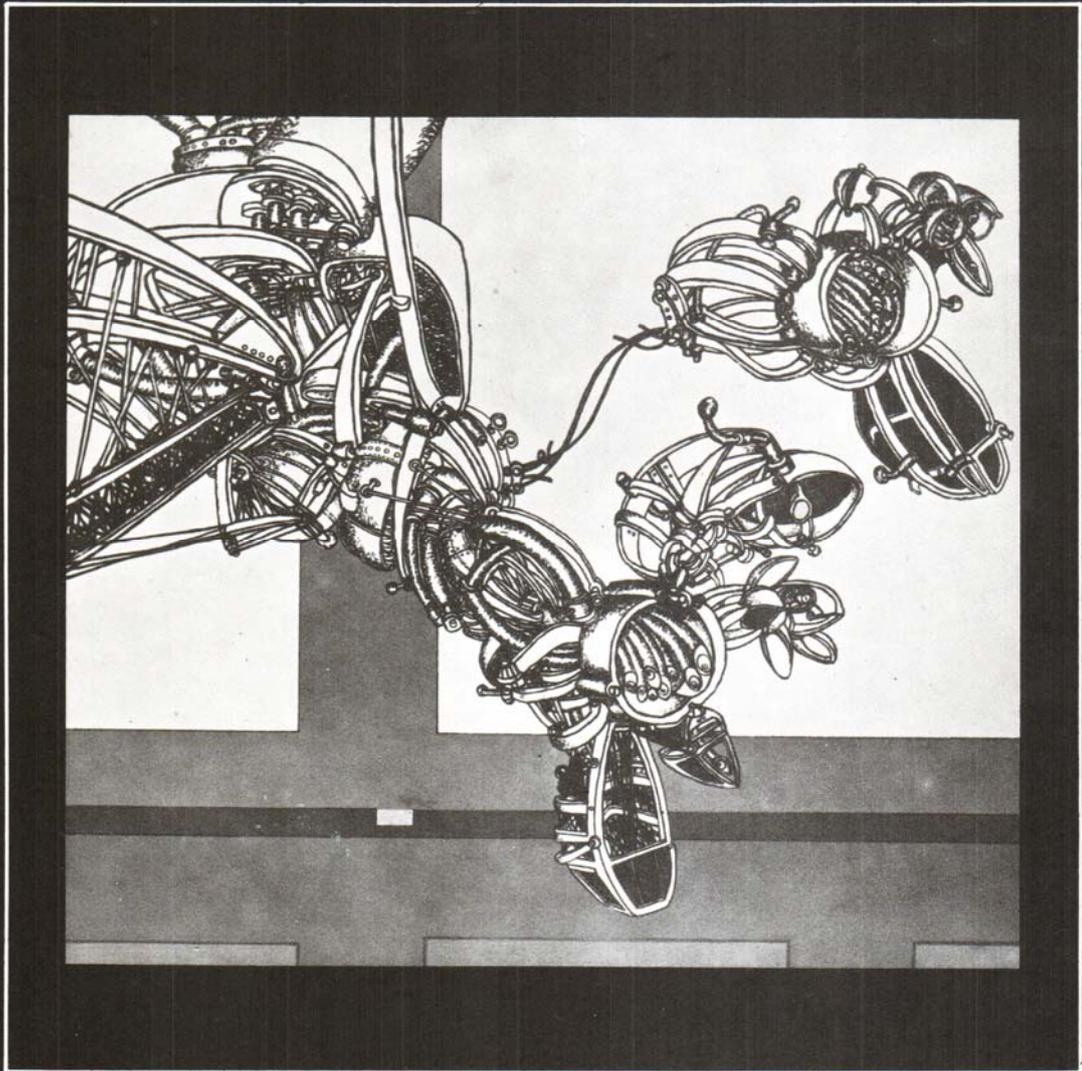
MANUEL GERMANO  
(pseudônimo de José Geraldo Vieira)  
Revista Habitat - 1956



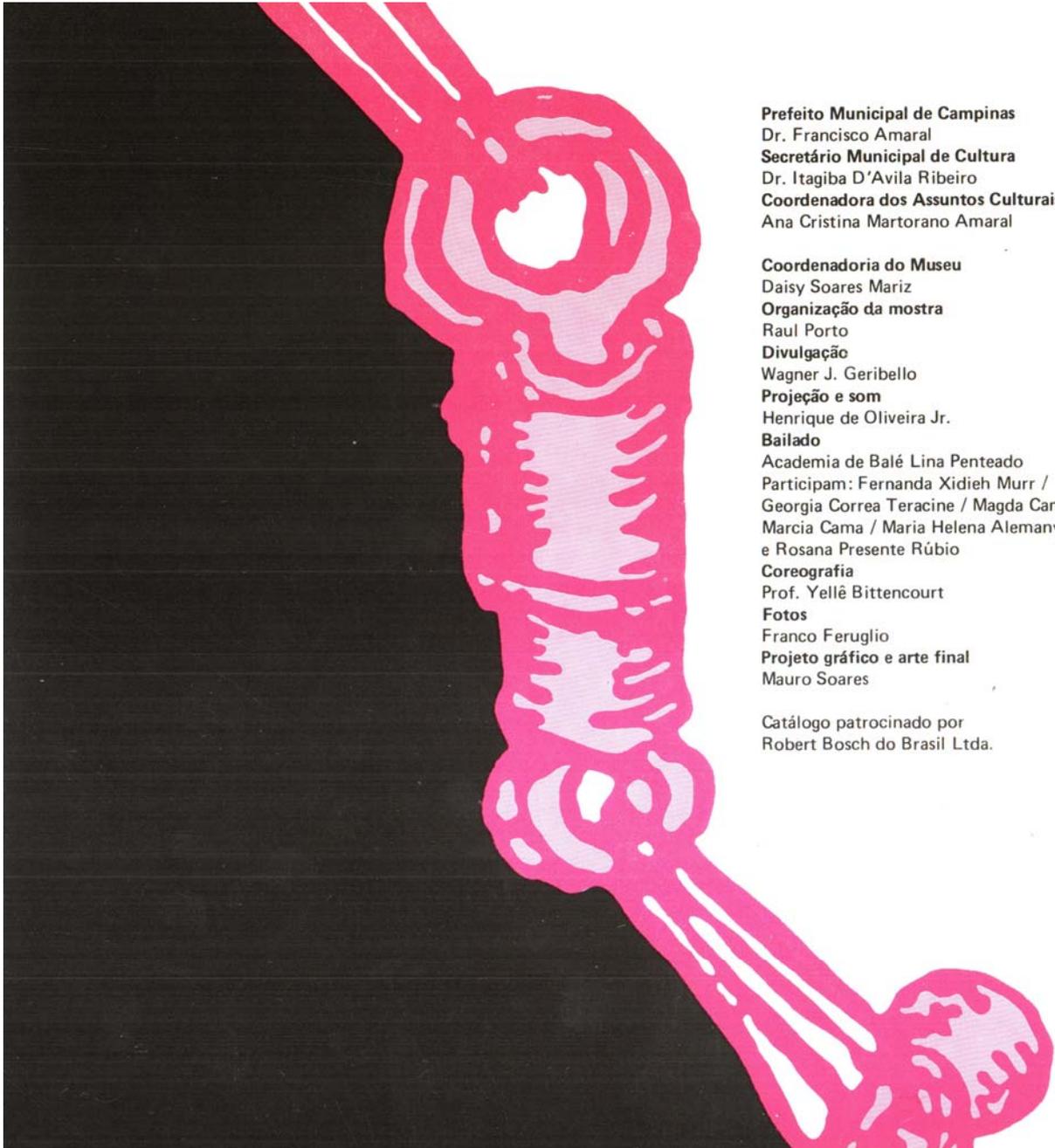
Il richiamo della parola 090x080 acrílica



Rapporto confidenziale 065x075 acrilica



Anatomia di un fiore in espansione 065x075 acrilica



**Prefeito Municipal de Campinas**  
Dr. Francisco Amaral  
**Secretário Municipal de Cultura**  
Dr. Itagiba D'Ávila Ribeiro  
**Coordenadora dos Assuntos Culturais**  
Ana Cristina Martorano Amaral

**Coordenadoria do Museu**

Daisy Soares Mariz  
**Organização da mostra**  
Raul Porto

**Divulgação**  
Wagner J. Geribello

**Projeção e som**  
Henrique de Oliveira Jr.

**Bailado**

Academia de Balé Lina Penteadó  
Participam: Fernanda Xidieh Murr /  
Georgia Correa Teracine / Magda Cama /  
Marcia Cama / Maria Helena Alemany  
e Rosana Presente Rúbio

**Coreografia**  
Prof. Yellé Bittencourt

**Fotos**  
Franco Feruglio

**Projeto gráfico e arte final**  
Mauro Soares

Catálogo patrocinado por  
Robert Bosch do Brasil Ltda.